

# “SOBERANAS – LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER”: O ENSINO DE GÊNERO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA POR UMA EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE

“SOVEREIGNS – A WOMAN’S PLACE IS WHEREVER SHE WANTS”:  
THE TEACHING OF GENDER AS A PEDAGOGICAL PRACTICE FOR AN  
EDUCATION FOR EQUALITY

Cláudio Simplício<sup>1</sup>  
Jennyfer Lima Silva<sup>2</sup>  
Francisca Monayza Silva Azevedo<sup>3</sup>  
Geyce Elen dos Reis Forte<sup>4</sup>

## RESUMO

Este projeto de pesquisa, com características de intervenção pedagógica, tem por objetivo ampliar o diálogo e a compreensão sobre questões referentes às relações de gênero no ambiente escolar. O projeto enfoca especialmente na condição da mulher e no seu papel na sociedade contemporânea, elaborando uma proposta sequencial de atividades sobre igualdade e equidade de gênero que poderá ser utilizada com estudantes do ensino médio durante as aulas de Sociologia, Filosofia e disciplinas afins. O presente estudo desenvolve instrumentais para orientar e contribuir com as práticas utilizadas nas disciplinas referentes a área de ciências humanas e sociais aplicadas, possibilitando melhor reflexão e análise dos métodos pedagógicos empregados com os/as jovens no ensino médio. Além disso, compreende como essas metodologias podem ser instrumentos eficazes de transformação social e produção de conhecimento. Mediante as discussões e reflexões realizadas a partir das ações desenvolvidas, foi possível produzir materiais didáticos que podem contribuir como subsídios para o trato das questões relativas às relações de gênero e de como essas relações podem ser trabalhadas no ambiente escolar entre adolescentes, reforçando que o enfrentamento dessas questões pode metamorfosear a vida dos jovens e, desta forma, indicar novos caminhos de socialização para uma juventude carente de oportunidades.

**Palavras-chave:** Gênero. Educação. Respeito. Juventude. Cidadania.

## ABSTRACT

*This research project with characteristics of pedagogical intervention aims to expand the dialogue and understanding of issues related to gender relations in the school environment. The specific focus of the project is the condition of women and their role in contemporary society and its goal is to elaborate a sequential proposal for activities on gender equality and equity that can be used with high school students during Sociology and Philosophy classes. This study will develop instruments to guide and contribute to the practices used in the disciplines related to the area of applied human and social sciences. Therefore, enabling better reflection and analysis of the pedagogical methods used with young people in high school and understanding how these methodologies can be used as effective instruments for social transformation and knowledge production. Through the discussions and reflections carried out from the developed actions, it was possible to produce teaching materials that can contribute as subsidies for dealing with issues related to gender relations. It was also possible to analyse how these relations can be worked in the school environment among adolescents, reinforcing that these relations can metamorphose the lives of young people, indicating new paths of socialization for opportunity-lacking young people.*

**Keywords:** Gender. Education. Respect. Youth. Citizenship.

1. Mestre em Sociologia (UFC). Professor de Filosofia e Sociologia na EEEP Edson Queiroz.

2. Estudante da EEEP Edson Queiroz.

3. Estudante da EEEP Edson Queiroz.

4. Estudante da EEEP Edson Queiroz.

## 1. INTRODUÇÃO

O Projeto Soberanas surge como uma proposta de atividades pedagógicas na Escola Estadual de Educação Profissional Edson Queiroz na cidade Cascavel-CE em meados de 2017, com a intenção de ampliar as discussões relacionadas as questões de gênero, identidade e sexualidade no ambiente escolar, além de debater sobre as várias formas de violências sofridas pelas mulheres na sociedade contemporânea, levando-se em consideração as suas lutas e conquistas históricas na busca por direitos.

Este estudo realizou uma avaliação das metodologias e práticas no ensino de Ciências Humanas, refletindo sobre como esse saber pode aprimorar o fazer pedagógico a partir da implementação do projeto "Soberanas: lugar de mulher é onde ela quiser", respondendo às demandas dos próprios estudantes que questionam sobre a participação e a representação feminina na produção do conhecimento científico, filosófico e sociológico, bem como o papel das mulheres na contemporaneidade e a necessidade de se discutir sobre as relações de gênero na escola.

É notório que a violência contra a mulher vem sendo tema de debates e discussões nos diversos segmentos da sociedade e recebendo muita divulgação da mídia escrita e televisiva. Todos os dias são noticiados crimes retratando essas violências, sejam no Brasil ou em outros países. É um problema universal que atinge todas as classes sociais, não escolhendo nível de escolaridade, situação econômica, raça/etnia ou crença.

Nosso trabalho analisa as condições de tratamento sofridas pelo gênero feminino na contemporaneidade, pois mesmo depois de tantas conquistas de direitos civis, sociais e políticos, são as mulheres que ainda vivenciam abusos, assédios e violências de todos os tipos. Infelizmente, as violências e casos de feminicídio não param de ocorrer, mesmo depois da criação e implementação da Lei Maria da Penha em 7 de agosto de 2006<sup>5</sup>, criada com o objetivo de punir com maior rigor aqueles que agredem a mulher no âmbito doméstico, familiar ou público. É neste sentido que se faz premente ampliar as vias de reflexões sobre as relações de gênero entre adolescentes no ambiente escolar, evidenciando como as disciplinas de Filosofia e Sociologia podem mediar esta relação pedagógica de ensino/aprendizagem.

Historicamente as mulheres sempre foram alvo de violências, desde a Grécia e Roma antiga sofrem discriminação pelo sexo, não sendo consideradas cidadãs e sendo usadas apenas como progenitoras. Na Idade Média, a religiosidade passa a exercer um controle moral sobre os corpos femininos, demonizando atitudes contrárias aos preceitos da igreja, perseguindo e instaurando uma caça às "bruxas", condenando as fogueiras várias Joanás D'Arcs. Adentramos na Modernidade e as perseguições continuaram mesmo na Revolução Francesa: a declaração dos direitos são para homens, Olympe de Gouges<sup>6</sup> sobe ao cadafalso e é guilhotinada por defender os direitos da mulher. O mundo passa por mudanças e transformações na contemporaneidade, entretanto as mulheres continuam alijadas dos direitos e conquistas desse mundo

5. Esta lei é uma homenagem a Maria da Penha que se tornou símbolo nacional da luta das mulheres contra a opressão e a violência.

cientificamente dito "evoluído e avançado", mulheres são queimadas vivas em fábricas e trancafiadas em casa, como objetos desprovidos de desejos e vontades.

Em 2019, cerca 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento no Brasil, enquanto 22 milhões (37,1%) de brasileiras passaram por algum tipo de assédio. Dentro de casa, a situação não foi necessariamente melhor, entre os casos de violência, 42% ocorreram no ambiente doméstico. Após sofrer uma violência, mais da metade das mulheres (52%) não denunciou o agressor ou procurou ajuda. Os dados são de um levantamento do Datafolha encomendada pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) para avaliar o impacto da violência contra as mulheres no Brasil.<sup>7</sup>

Apesar dos avanços e conquistas consideráveis nos últimos anos, infelizmente, entre homens e mulheres, ainda é possível constatar profunda discrepância de direitos e deveres, fazendo-se necessário uma busca incessante pela igualdade de condições sociais, políticas e econômicas. Acreditamos que a escola deve e pode contribuir proporcionando métodos lúdicos e teóricos a essas temáticas de suma importância social, tornando a aprendizagem prazerosa e estimulante.

Enfim, as metodologias utilizadas objetivaram trazer relevância e interesse pela luta histórica das conquistas dos direitos femininos para que as novas gerações possam compreender que o assunto urge grande importância. Além disso, tendo em vista toda a trajetória de discriminações e aviltamentos ainda sofridos pelas mulheres desde os primórdios da civilização até o cenário social onde nos encontramos, se faz necessário construir caminhos para desenvolver novas sociabilidades que possam mitigar e combater a pandemia do preconceito e das violências.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para iniciar as discussões teórico-metodológicas é importante ressaltar e realizar algumas considerações e encaminhamentos que podem direcionar melhor este projeto. Partiremos do pressuposto que as pretensões deste estudo orbitam sobre as metodologias e as práticas pedagógicas na área das Ciências Humanas e sociais aplicadas, através da realização do "Projeto Soberanas" no ensino médio na EEEP Edson Queiroz em Cascavel, no Ceará.

Nossa pesquisa bibliográfica está atrelada e articulada ao diálogo de determinados/as autores/as e suas respectivas obras, que tem grande valor teórico para nosso referencial metodológico. Dentre eles: Pierre Bourdieu em "A dominação masculina", versando sobre a representatividade do homem e as violências simbólicas incorporadas pelas instituições enquanto Estado, e são as escolas, lugar onde deveria ser o *lócus* das lutas feministas, que funcionam como espaços de reprodução dessas violências. (BOURDIEU, 2002).

6. Intelectual francesa autora da Declaração dos Direitos da Mulher que defendeu a emancipação feminina e a liberdade de escravos no século XVIII.

7. Intelectual francesa autora da Declaração dos Direitos da Mulher que defendeu a emancipação feminina e a liberdade de escravos no século XVIII.

Outra autora que temos que trazer para esse diálogo e debate, é Simone de Beauvoir e sua obra "O segundo sexo", que expõe o desenvolvimento da opressão masculina por meio da análise da história, da literatura e dos mitos, atribuindo os efeitos contemporâneos dessa opressão ao fato de ter-se estabelecido o masculino como norma positiva (BEAUVOIR, 1970).

Importante discussão na atualidade é trazida por Judith Butler em sua obra "Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade", onde a autora apresenta uma crítica contundente a um dos principais fundamentos do movimento feminista: a identidade. Para Butler, não é possível que exista apenas uma identidade: ela deveria ser pensada no plural, e não no singular (BUTLER, 2015). Importante ressaltar também as reflexões de Angela Davis em sua obra "Mulheres, raça e classe", neste livro a autora apresenta uma análise histórica do feminismo negro norte-americano e das movimentações políticas dos anos 60 e 70 protagonizadas pelo movimento conhecido por "Panteras Negras" (DAVIS, 2016).

Nessa perspectiva interseccional temos uma intelectual brasileira, que desenvolve vultosa reflexão e debate sobre o feminismo negro e tudo que envolve as questões étnico-raciais, a renomada filósofa Djamila Ribeiro com a importante obra "Lugar de Fala", (RIBEIRO, 2017); destaca-se também nesse contexto a nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, representante africana do feminismo, temática destacada em seu livro "Sejamos todos feministas" (ADICHIE, 2019).

Com relação ao documento normativo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), existe pouca coisa diretamente relacionada à questão de gênero, sexualidade ou mesmo sobre a mulher. Encontramos apenas algumas informações diluídas em trechos relacionados à organização curricular e itinerários formativos. A citação mais direta à diversidade de gênero aparece apenas de forma pontual na introdução sobre a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, quando explica como podemos explorar diversos conhecimentos: "noções de temporalidade, espacialidade e diversidade [de gênero, religião, tradições étnicas etc.]" (BRASIL, 2018).

No tocante ao ensino de gênero e práticas pedagógicas alguns artigos ajudaram a compor nossas referências, podemos evidenciar "Gênero e sexualidades no ensino médio", enfrentamentos e negociações, que focaliza o cotidiano dos estudantes e as interações de caráter normatizador, presentes na escola (VETORAZO, 2020); "Ideologia ou violência de gênero?" e a difícil tarefa de ser menina no Brasil, que enfoca o machismo em forma de assédio (BELIZÁRIO, 2019); e a tese sobre "Gênero e Sociologia no ensino médio" entre o ensinar e o aprender, discutindo educação e gênero na escola. (ARAUJO, 2019).

### 3. METODOLOGIA

Primeiramente foram realizadas pesquisas teóricas e bibliográficas para apropriar-se de informações que serviram como fonte para identificação dos problemas sociais de maior repercussão e relevância na sociedade em relação as desigualdades de gênero. Partindo das informações coletadas, realizamos o planejamento das ações pedagógicas começando com a apresentação do projeto "Soberanas" em sala de aula para discutir os temas relacionados a gênero, identidade e sexualidade, utilizando-se como recursos didáticos: slides, músicas e vídeos, conduzidos pela monitoria com o auxílio do/a professor/a.

Sequencialmente dividiu-se as turmas em grupos de cinco ou seis alunos/as. Cada grupo recebe um tema para estudar e debater com sua equipe, que a partir de seus representantes, compartilha suas considerações sobre o tema com toda a turma. Posteriormente foi marcado um momento onde os grupos apresentaram suas percepções e reflexões do que foi discutido para o/a professor/a, que registra as apresentações e ao final realiza as considerações pedagógicas acerca das temáticas apresentadas.

Na segunda parte das atividades, os/as alunos/as dos primeiros anos reuniram-se novamente em grupos para organizar e criar, a partir dos temas e discussões realizados anteriormente, paródias, músicas, cordéis, poesias, e etc. Em seguida, os conteúdos produzidos foram transformados em vídeos com duração entre 3 e 5 minutos para posterior exibição. Foi também acordado que cada grupo criaria pelo menos duas produções artísticas, podendo ser de qualquer gênero artístico.

As turmas de segundos anos realizam seminário para aprofundar as discussões anteriores enfatizando a produção acadêmica/científica e a participação das mulheres na construção dos referenciais teóricos das temáticas gênero, identidade e sexualidades abordadas nas aulas. Distribui-se um instrumental com as orientações pormenorizadas de como as atividades poderiam ser organizadas e desenvolvidas, bem como a separação e distribuição dos temas.

As apresentações dos seminários foram divididas em duas partes, uma formal e outra lúdica. A apresentação formal, previamente delimitada por instrumentais, foi organizada com uso de slides, contendo uma breve biografia, imagens, conceitos principais em tópicos e duas frases marcantes explicadas e comentadas. Na parte lúdica, posterior as apresentações do seminário, e com maior liberdade de expressão e criatividade, as equipes produziram criações artísticas de acordo com seu tema, sendo dadas algumas sugestões para serem apreciadas, por exemplo: paródias, cordéis, músicas [*rap* ou *funk*], poemas, dramatizações, *charges*, mapa mental, etc.

O principal objetivo deste modelo de ensino é incentivar os/as alunos/as para que aprendam de forma autônoma e participativa a partir de problemas e situações reais. A proposta é que os/as estudantes

estejam no centro do processo de aprendizagem, participando ativamente e sendo responsáveis pela construção do seu conhecimento, onde o/a professor/a se apresente como facilitador/a e/ou mediador/a das ações pedagógicas.

Os temas referentes a primeira parte das atividades desenvolvidas estão presentes no livro didático "Sociologia em Movimento", disponibilizado pela escola e que faz parte do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). O seminário nos segundos anos é chamado de "Mulheres na Filosofia e Sociologia", onde são selecionadas grandes personalidades que historicamente marcaram o pensamento Ocidental desde a antiguidade aos tempos atuais.

Todas atividades são organizadas e acompanhadas pela monitoria do projeto, sempre dialogando e com o apoio do/a professor/a orientador/a, que ao final de cada processo realiza encontros para *feedbacks*. Ao longo da existência do projeto muitos materiais foram desenvolvidos, como a confecção de uma apostila denominada "Manual básico sobre a violência contra a mulher" inspirado no trabalho da professora M.<sup>a</sup> do Socorro (OSTERNE, 2001); um cordel que retrata de forma lúdica a seriedade do projeto soberanas; os vídeos artísticos e os vários poemas/poesias que serão posteriormente sistematizados em uma produção literária. Por fim, foi realizado a compilação e organização dos materiais para serem utilizados posteriormente como apoio pedagógico.

Os materiais produzidos a partir da aplicação do projeto "Soberanas; lugar de mulher é onde ela quiser" foram utilizados para análise de dados que corroboram com os propósitos e objetivos da pesquisa científica, recrudescendo as hipóteses e/ou pressupostos iniciais que motivaram sua implementação enquanto intervenção pedagógica. Portanto, no sentido de avaliarmos o rendimento pedagógico referente as ações e resultados do projeto, decidimos porventura categorizar os vídeos produzidos pelos primeiros anos, entendendo que a partir dessa análise categorizada pode-se compreender quais métodos de podem ser mais adequados para obtenção de resultados do nosso fazer pedagógico. Assim, é possível tornar a metodologia utilizada em uma ferramenta didática pedagógica bastante eficiente no ensino de Filosofia, Sociologia e/ou disciplinas afins, podendo ser utilizada em qualquer escola da educação básica.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos efeitos em sala de aula proporciona condições substanciais para que o/a professor/a possa construir suas interpretações e impressões relacionadas aos objetivos a serem alcançados com a implementação do projeto de intervenção. As categorias foram organizadas de acordo com os temas do livro didático que foram trabalhados com as turmas. Além disso, a produção dos vídeos foi desenvolvida de forma a estimular a criatividade e visão crítica dos/as alunos/as, onde não obrigatoriamente deveriam trabalhar com o tema inicial específico do seu grupo.

As discussões fomentadas pelas ações desenvolvidas com os/as estudantes reverberaram no teor das suas ponderações na hora da produção e confecção dos seus trabalhos, e foram, por consequência, reproduzidos nos vídeos apresentados. Grande parte das produções refletem sobre questões e temas que são similares e dialogam entre si. Observamos algumas regularidades e constâncias nos discursos dos/as estudantes, por exemplo: a luta por direitos e aceitação das diferenças, houve também muitas críticas à sociedade e às suas normas, como se fosse uma tentativa de mostrar nas imagens e vídeos a forma como os alunos/as lidam com essas questões.

Outras discussões importantes foram: o respeito pelas diferenças, a crítica aos preconceitos e as dificuldades de aceitação. De modo geral, percebeu-se que a partir dos materiais desenvolvidos foram produzidas muitas mensagens motivacionais e estimulantes do empoderamento e da construção de uma sociedade mais justa, harmônica e igualitária. Em suma, entendendo-se que a análise dos dados e os resultados obtidos retratam um dos pontos fulcrais para as discussões e reflexões sobre a viabilidade deste projeto como intervenção pedagógica, podemos levar em consideração que os resultados e objetivos almejados foram alcançados, fato este endossado pelas narrativas dos/as próprios/as estudantes nas oficinas e rodas de conversa ocorridas durante todo o processo de aplicação do projeto.

A proposta da nossa pesquisa, enquanto estudo científico, fundamentou-se na prática de ensino-aprendizagem em Filosofia, Sociologia e disciplinas afins, procurando estabelecer e criar metodologias de ação pedagógica para avaliar com precisão e eficácia a participação dos educandos nas atividades propostas pelo projeto Soberanas. Além disso, buscou-se perceber como essas atividades podem fortalecer a convivência, o respeito, as diferenças e a importância da prática pedagógica aliada às percepções de mundo e aos temas de grande relevância social que urgem respostas eficazes para seu combate.

Portanto, se faz premente como dever da educação escolar, promover o desenvolvimento de uma cultura voltada para o respeito às diferenças, possibilitando espaços propícios de convivência pautados na aceitação e na harmonia social, que podem ser alcançados pela implantação de projetos que discutam sobre essas questões relacionadas as temáticas de gênero, identidade e sexualidade.

Sabemos das dificuldades a serem enfrentadas e temos consciência dos obstáculos que se apresentam, principalmente em um cenário obscurantista, que dificulta os avanços nas pautas socioculturais, científicas e sociais. Neste sentido, é preciso através de uma educação humanista, buscar caminhos democráticos para efetivar uma cidadania que minimize as diversas desigualdades em nossa sociedade. Ademais, devemos mesmo diante dos reveses procurar mecanismos e instrumentos para mitigar os efeitos dos preconceitos e estereótipos que motivam formas variadas de violências físicas e simbólicas.

Por fim, esperamos que os métodos de intervenção pedagógica propostos neste trabalho possam nos

conduzir aos objetivos planejados e que possamos alcançá-los com satisfação e respeito, reverberando melhores práticas e posturas no tratamento com essas questões, tendo consciência de que não existe um caminho certo, mas caminhos que podem nos conduzir ao paraíso da esperança ou ao inferno do negacionismo, nossas escolhas é que podem fazer toda a diferença.



---

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. 1ª ed. São Paulo: Reviravolta, 2019.

ARAUJO, Natália Cristina. **Gênero e Sociologia no ensino médio**. Tese [Pós-graduação em Ciências Sociais] - Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.

BELIZÁRIO, Luís Vinícios. Ideologia ou violência de gênero? **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 12, p. 280-309, 2 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular – Ensino Médio**. Brasília/DF: MEC, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. 8ª Ed., Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª ed. São Paulo: Boi tempo, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. [Feminismos plurais].

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira. **Família, pobreza e gênero**: o lugar da dominação masculina. Fortaleza: EDUECE, 2001.

VETORAZO, Francisca Helena G.; SAMPAIO, Helena. Gênero e sexualidades no ensino médio: enfrentamentos e negociações. **Revista Contemporânea de Educação**, Campinas, v. 15, ed. 32, 30 set. 2020.